

Entrevista a Mickaella Dantas

Conduzida por FÁTIMA SPÍNOLA.



Mickaella Dantas (à esquerda) e Ana Camacho (à direita), em *O Mecanizador em sagração à Ilha*, performance realizada em Setembro de 2013, no jardim do Espaço 116 (Rua dos Barreiros, 28). Fotografia ©Jose Zyberchema.

Fátima Spínola [FS]: De que forma e em que projectos colaborou com o *Espaço 116*?

Mickaella Dantas [MD]: Estive a colaborar com o *Teatro Bolo do Caco*, no âmbito da assistência à produção de algumas peças e ao colectivo *Mad Space Invaders*, o que me permitiu materializar algumas ideias visuais ligadas a uma certa escrita criativa e observação de mundo.

[FS]: Como vê a importância deste tipo de espaços e de iniciativas para a criação e diversificação de públicos? (do ponto de vista do criador e do ponto de vista do fruidor/da comunidade local).

[MD]: Projectos de ocupação como o *116* envolvem a comunidade de forma diferente; normalmente são espaços menores, mais intimistas, até familiares (no caso de uma casa); permitem aos novos públicos se arriscarem com menos pudor ao desejo pela arte. O teatro, por exemplo, às vezes tanto atrai quanto amedronta. Por outro lado, pode também se caracterizar um espaço de um grupo social-criativo específico, de uma ou de várias tribos.

Do ponto de vista do criador/artista, acho fascinante e desafiador a oportunidade de pensar a ideia dentro de espaços não-desenhados (de raiz) para receber a arte. Tecnicamente, logisticamente e criativamente, é trabalhar uma reciclagem constante.

Sinto que o *116* é um espaço pensado pelo madeirense para o “madeirense” (aquele que nasce, habita e/ou sente a Ilha). Quase um ato de autoconhecimento cultural, em sociedade.

[FS]: Tendo em conta a sua experiência internacional, acha que podemos falar de uma linguagem/pensamento insular no ato criativo? E se sim, o que define esse pensamento/ linguagem insular?

[MD]: Acredito que sim, mas não me sinto no *lugar de fala* para tal. Tenho acompanhado a criação artística da Ilha a uma distância considerável de tempo e espaço p’ra perder a possessão desta linguagem especificamente. Entretanto, deixo-vos uma questão... Como ser local e internacional mantendo a verdade da matéria?

Mickaella Dantas

(1989) Brasileira, naturalizada em Portugal, desenvolve o seu trabalho criativo na dança contemporânea, dança inclusiva, circo contemporâneo, com experiência na produção cultural. É formada pelo Forum Dança no PEPCC 2013/2014 - Programa de Composição Coreográfica. Em 2019 recebeu o Prémio Focus Brasil Award UK na categoria dança/folclore.

Compõe o elenco da *Candoco Dance Company* (UK) desde 2017 e colabora regularmente com a coreógrafa Clara Andermatt, em circulação com o dueto *Instalação da Desordem* (projecto em mutação). Em 2021 trabalha com a Sara Anjo na peça *Traçar*, assina a Coordenação Artística do espectáculo anual do *Projecto Circo Um por todos – Instituto Nacional de Artes do Circo* e participa como júri do *Prémio Acesso Cultura 2021*.

Fátima Spínola

Natural de Santana, Fátima Spínola (1984) é licenciada e pós-graduada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Marcam a sua formação, as problemáticas sociais, políticas, económicas e ambientais, consequência do contexto geográfico e familiar de origem, assim como a interação, na infância, com o espaço rural: as construções com terra e com matérias da fazenda (canas, árvores, troços de couves, ervas), a curiosidade por espaços abandonados e escusos, a plena liberdade e segurança, que permitiam horas de brincadeira sem a vigilância dos mais velhos, a definição de espaços através da imaginação. Lisboa, aos dezoito anos, foi o confronto com uma realidade mais urbana, com o seu “eu” e com uma aprendizagem da arte numa perspectiva conceptual. Começou aí a definição, através das artes plásticas, de uma linguagem própria mais consciente. As construções da infância deram lugar à instalação, à pintura, ao desenho e à gravura, questionando e refletindo sobre todas essas problemáticas.

Tem como foco, no seu trabalho, uma investigação contínua através da pintura, do desenho, da instalação e da gravura, privilegiando materiais que metaforizem a atual precariedade da arte e debruçando-se sobre temáticas implícitas nos próprios meios artísticos.

Entre 2011 e 2014, na ilha da Madeira, integrou como artista plástica o colectivo artístico *Mad Space Invaders*, de que foi co-gestora. Este coletivo artístico era constituído por um grupo de cerca de quarenta profissionais atuantes nas áreas das artes plásticas, música, literatura e design, desenvolvendo intervenções em espaços inutilizados ou degradados. Fátima Spínola é ainda co-gestora do *Projecto 116*, que promove e realiza, no Funchal, manifestações artísticas alternativas de âmbito nacional e internacional. Tem apresentado os seus trabalhos em exposições em Portugal, Espanha e Brasil.